

O Papel do Paradoxo na Filosofia de Jean-Jacques Rousseau

Barbara Rodrigues Barbosa¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

brodriguesbarbosa@gmail.com

Maria Constança Peres Pissarra²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

mcpp@pucsp.br

Resumo: Este artigo, excerto condensado da dissertação de mestrado intitulada “*Escrevi sobre diversos assuntos, mas mantive os mesmos princípios*” – A linguagem paradoxal como construção crítica no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, apresentada e defendida em 2016, sob a orientação da professora Doutora Maria Constança Peres Pissarra, aborda a complexa relação entre paradoxo e contradição no pensamento filosófico de Rousseau. Partindo da definição de paradoxo encontrada na *Encyclopédie* de d’Alembert, exploramos como Rousseau utiliza esse conceito para se posicionar contra os preconceitos de seu tempo. Ao distinguir paradoxo de contradição, evidenciamos a importância do paradoxo como uma ferramenta crítica para desafiar as opiniões recebidas e avançar o conhecimento. A análise destaca como Rousseau, ao preferir ser um homem de paradoxos em vez de preconceitos, revela uma postura metodicamente crítica e inovadora, que continua relevante para a filosofia atualmente.

Palavras-chave: Jean-Jacques Rousseau. Paradoxo. Contradição. Filosofia do século XVIII.

The Role of Paradox in the Philosophy of Jean-Jacques Rousseau

Abstract: This article, a condensed excerpt from the master's dissertation titled “*I wrote about various subjects but kept the same principles*” – Paradoxical language as a critical construction in the thought of Jean-Jacques Rousseau, presented and defended in 2016, under the supervision of professor Maria Constança Peres Pissarra, addresses the complex relationship between paradox and contradiction in Rousseau's philosophical thought. Starting from the definition of paradox found in d’Alembert's *Encyclopédie*, we explore how Rousseau uses this concept to position himself against the prejudices of his time. By distinguishing paradox from contradiction, we highlight the importance of paradox as a critical tool to challenge received opinions and advance knowledge. The analysis emphasizes how Rousseau, by preferring to be a man of paradoxes rather than prejudices, reveals a methodically critical and innovative stance that remains relevant to philosophy today.

Keywords: Jean-Jacques Rousseau. Paradox. Contradiction. 18th-Century philosophy

¹ Doutora em Filosofia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5554100035259822> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4925-5288>

² Doutora em Filosofia, Professora da PUCSP, Coordenadora do CER (Centro de Estudos Rousseau), grupo de pesquisa PUC-SP e CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7307552675907775>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3620-3040>

Introdução³

Por incapacidade de combater uma verdade nova grita estupidamente ao paradoxo como se um paradoxo fosse uma mentira, como se mesmo na geometria não houvesse paradoxos e como se esses paradoxos não estivessem demonstrados.

Jean-Jacques Rousseau, Fragmentos da Carta à Christophe de Beaumont.

O Verbetes *Paradoxe*, escrito por d'Alembert (seção Filosofia), no volume XI da *Encyclopédie* apresenta a seguinte definição: “É uma proposição absurda em aparência, porque é contrária as opiniões recebidas e, que, no entanto, é verdadeira, ou pelo menos pode receber um ar de verdade” (d'Alembert, 1765, T. XI, p.894-895).

Abordando o uso do termo em filosofia, d'Alembert discorrerá sobre o contexto de formação desse conceito, tratando também dos paradoxos na geometria⁴. O paradoxo é uma ideia cara aos estudos de ciências humanas e, uma vez que isso se configura assim, o que se apresenta neste texto é uma reflexão sobre o paradoxo como conceito filosófico em Rousseau. Propomos, portanto, que partindo da definição encontrada na *Encyclopédie* nos debruçemos sobre ele para entendermos com quem e com quais questões Jean-Jacques está dialogando.

Dessa forma, devemos pensar que sob a definição de paradoxo estão princípios que são contrários as opiniões recebidas, que se opõe aquilo que a maioria defende e compartilha como verdade, e isso pode gerar interpretações como uma aparente falta de lógica ou como contradição. A questão que nos surge, partindo dessa informação é: Paradoxo e contradição são sinônimos?

De acordo com Bruno Bernardi em *La fabrique des concepts – Recherches sur l'invention conceptuelle chez Rousseau* (2006), nós temos a tendência de confundir contradição e paradoxo; isso acontece principalmente no que concerne aos estudos de Rousseau. Para que isso não aconteça devemos atentar para o fato que: “A contradição opõe uma tese a tese contrária, o paradoxo volta uma

³ Conforme explicitado no resumo, este artigo é uma revisitação da minha pesquisa de mestrado, intitulada “*Escrevi sobre diversos assuntos, mas mantive os mesmos princípios*” – *A linguagem paradoxal como construção crítica no pensamento de Jean-Jacques Rousseau*, apresentada e defendida em 2016, sob orientação da Professora Doutora Maria Constança Peres Pissarra, agora coautora deste texto. Nele, apresentam-se as principais discussões desenvolvidas na dissertação, oferecendo uma síntese das questões centrais exploradas no estudo original. Durante o período de desenvolvimento do mestrado, fui bolsista CAPES a quem agradeço o financiamento que oportunizou a pesquisa da qual esse texto se deriva.

⁴ Segue trecho do verbete:

“Essa palavra é formada do grego *παρά*, contra, e *δοξο*, opinião. O sistema de Copérnico é um paradoxo no sentimento do povo, e todos os estudiosos (*savans*) concordam com sua verdade. Há também os paradoxos em Geometria: podemos observar como tais proposições sobre os incomensuráveis e muitos outros demonstraram, por exemplo, que a diagonal de um quadrado é incomensurável com seu lado, isto é, que não há nenhuma porção estendida, por menor que ela seja que esteja contida exatamente no lado de um quadrado e na diagonal. A Geometria do infinito fornece uma grande quantidade de paradoxos aqueles que a exercem.” DIDEROT, Denis ; D'ALAMBERT Jean Le Rond. *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. 1751-1765. T. XI, p.894-895. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. As citações referentes a *Encyclopédie*, serão feitas a partir de agora da seguinte maneira: *Encyclopédie*, termo do verbete como encontrado no original, Tomo (indicado pela abreviação T.), página e link de acesso, caso disponível.

tese contra ela mesma ou, essa pode ser sua figura mais interessante, a desvia: ele coloca em evidência que a tese contém outra coisa além dela mesma” (Bernardi, 2006, p.176).

Se isso é assim, podemos dizer que contraditório é aquilo que apenas gira em torno de seu próprio significado, não há qualquer contribuição à construção de conhecimento ao se formar um discurso que se nega a cada afirmação. O paradoxo, o que vai de encontro a opinião comumente aceita, por outro lado, quando descoberto desempenha um papel significativo no avanço do conhecimento, pois uma vez que exista um paradoxo não resolvido, isso indicaria que pode haver algo nos nossos raciocínios ou nos nossos conceitos que não compreendemos bem, ou que ainda não descobrimos o que está dito além da tese.

No entanto, se o paradoxo não é necessariamente uma falha já que indica um pensamento que está sendo construído com a adição de afirmações que não se negam, mas que não podem ser provadas, por que apresentar um discurso paradoxal pode se revelar como falta de coerência daquele que fala ou escreve? Muito sobre essa questão pode ser respondida se levarmos em conta a confusão feita ao tomarmos contradição e paradoxo como sinônimos, posto que algo pode ser paradoxal sem ser necessariamente contraditório, como cremos ter sido explicado nesse breve preambulo.

Essa questão também aparecerá em torno da polêmica sobre o *Primeiro Discurso* (1750)⁵ de Rousseau, visto que alguns dos seus contemporâneos o acusaram por ser contraditório e paradoxal. Hoje em dia, a palavra paradoxo parece não possuir mais um sentido de condenação, ou desdém, todavia se impõe a discussão do termo, sabendo que para os pensadores da época de Rousseau, certamente, havia nela um grifo.

Rousseau, em seus escritos, não parece confundir paradoxo e contradição, ele não os usa como sinônimos. A contradição para o autor genebrino designa uma incoerência entre as duas partes de um discurso, ou entre dois comportamentos de uma mesma pessoa e, por uma assimilação frequente de sua época, ele empregará “paradoxo” também nesse sentido.

Trata-se, portanto, de investigar o que seja Paradoxo para Rousseau e ao que ele se refere quando se coloca como “homem de paradoxos”. Para que isso seja possível, é necessário pensarmos no panorama do século XVIII e como essa questão era vista, a partir disso precisamos entender o que autor genebrino entende por paradoxo e, finalmente, o ver aplicado a sua forma de pensamento, como se pretende fazer nesse artigo.

⁵ Doravante nos referiremos ao *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* (1750) como *Primeiro Discurso*. Bem como o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), será identificado de agora em diante como *Segundo Discurso*.

Jean-Jacques Rousseau, homem de paradoxos.

- Estás rindo sem saber de que se trata. Leste Rousseau?
 - Li.
 - Lembra-te daquela passagem em que ele pergunta ao leitor que faria se pudesse enriquecer matando, apenas pela vontade, um velho mandarim da China, sem sair de Paris?
 - Lembro-me.
 - E então?
 - Pois já estou no meu trigésimo terceiro mandarim.
- Honoré de Balzac, *O Pai Goriot*.⁶

Vimos que o paradoxo pode ser usado como uma figura lúdica da linguagem, algo que se faz irônica e propositadamente para causar riso ao leitor, posto o absurdo da proposição, quase como uma máscara, escondendo seu real significado⁷. No entanto, não parece ser desse modo que Rousseau enxerga seu trabalho. Os paradoxos rousseauianos são anunciados sem rodeios, sem jogos, sem emboscadas retóricas, mesmo quando usa duplos sentidos ou deixa algo subentendido isso será explicitado posteriormente. Ainda assim, podemos nos perguntar a respeito de sua ironia, usada como sua intercessora na *Carta a Beaumont*, quanto a isso, podemos dizer que Rousseau não a usa com sarcasmo, uma vez que valoriza muito suas ideias, sua missão com as verdades defendidas, para rir-se de seus escritos, ao nosso ver, sua ironia é antes sinal de entusiasmo do que de humor⁸ e, portanto, nos debruçaremos sobre as ideias de Jean-Jacques Rousseau sobre si e sobre sua obra.

Jean Fabre (1963)⁹ afirma que o paradoxo é a “arma essencial” da retórica de Rousseau. Levando em conta a afirmação de Fabre, devemos pensar em um estudo do paradoxo com Rousseau e não em Rousseau. “Com”, porque o cidadão de Genebra mesmo estuda o paradoxo e nos convida a andar com ele nesse estudo. Estudar o paradoxo com Rousseau é tomar consciência de que ele supõe as dificuldades da tarefa que assumiu quando manda seu *Discurso* para academia¹⁰, porque há sempre uma importância política e social, seja na escrita de literatura, seja na escrita filosófica. Essa tarefa conduz Rousseau a levantar questões sobre o papel das críticas a sua obra, uma vez que ele percebe

⁶Como aponta Paulo Rónai, tradutor das obras de Balzac para o português, tanto rousseauístas quanto balzaquianos procuraram em qual obra de Rousseau se encontrava essa passagem, porém a busca foi em vão, pois na verdade Balzac erroneamente atribui a citação ao autor. Um trecho similar a essa questão é encontrado na obra *O gênio do Cristianismo*, de Chateaubriand.

⁷ Para uma compreensão aprofundada do conceito de paradoxo para os contemporâneos de Rousseau, buscando o termo em um vocabulário crítico, teórico e sobretudo filosófico, recomenda-se aos leitores a consulta do segundo capítulo de minha pesquisa de mestrado, intitulado “A mudança de visão sobre o conceito de paradoxo. Uma contextualização histórica”. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/handle/handle/19216>

⁸ Na *Carta a Beaumont* recolhemos a seguinte passagem de maneira a corroborar com nossa afirmação: “Quanto a mim, permaneci sempre o mesmo, mais ardente que esclarecido em minhas pesquisas, mas sincero em tudo, até contra mim mesmo; simples e bom, embora sensível e frágil [...]” (Rousseau, 2005, p.41).

⁹ FABRE, Jean. *Realité et utopie dans la pensée politique de Rousseau*. Paris, Klincksieck, 1963, p.106-107.

¹⁰ Rousseau confirma nossa afirmação na seguinte passagem do prefácio do *Primeiro Discurso*: “Prevejo que dificilmente me perdoarão o partido que ousei tomar. Ferindo de frente tudo o que constitui, atualmente, a admiração dos homens, não posso esperar senão censura universal; não será por ter sido honrado pela aprovação de alguns sábios que deverei esperar a do público” (Rousseau, 1978, p.331).

que muitos dos seus opositores ou não o leram ou não os compreenderam, por isso faz a seguinte recomendação:

Aconselho, pois, àqueles que com tanto ardor procuram reprimendas para fazer-me, estudarem meus princípios e observem melhor minha conduta antes de acusarem-me de contradição e inconsequência. Se, algum dia, perceberam que começo a ambicionar os sufrágios do público, que me envaideço de ter feito lindas canções, que me envergonho de ter escrito más comédias, que procuro deslustrar a glória de meus concorrentes, que afeto falar mal dos grandes homens de meu século a fim de, rebaixando-os, ao meu nível, conseguir elevar-me ao deles, que aspiro a lugares da academia, que tenha feito a corte às senhoras que dão o tom, que incenso a idiotice dos grandes, que, deixando de querer viver do trabalho de minhas mãos, lanço na ignomínia o ofício que escolhi e faço esforços no sentido de conseguir fortuna, se, numa palavra, notarem eu o amor da reputação me faz esquecer o da virtude, peço-lhes que me advertam disso, publicamente, e eu prometo deitar, no mesmo instante, fogo aos meus escritos e aos meus livros, e concordar com todos os erros que lhes aprouver censurar-me (Rousseau, 1978, p.427).

Quando se referia a si mesmo como homem de paradoxos, parece que Rousseau o fazia sem se desculpar por isso, pois ser paradoxal pode ser uma consequência necessária de um pensamento sério; Jean-Jacques ressalta a importância e a coincidência de algo ser sério e paradoxal ao mesmo tempo tanto em obras como o *Emílio*, quanto em sua *Lettre à Philopolis*, argumentando nessa última que para combater certos discursos absurdos retirados de seus escritos um tipo particular de homem é necessário, a saber “um espírito singular, bizarro e, em suma, um homem de paradoxos” (Rousseau, 1755, p.230-236).

Em *Emílio ou da Educação* (1762), encontramos certamente a passagem mais famosa de Rousseau acerca de seu status sobre ser um homem de paradoxos, ao falar sobre educação, eis a célebre frase:

Ousarei expor aqui a maior, a mais importante, a mais útil regra de toda educação? Não se trata de ganhar tempo, mas de perdê-lo. Leitores vulgares, perdoai meus paradoxos, é preciso cometê-los quando refletimos; e, digam o que disserem, prefiro ser homem de paradoxos a ser homem de preconceitos (Rousseau, 2004, p.96).

Essa passagem corrobora com aquilo que Bento Prado dirá em seu famoso artigo *O Discurso do Século e a Crítica de Rousseau* (2008), Rousseau pretende não apenas diferenciar o “homem de paradoxos” do “leitor comum” ou do “homem de preconceitos”, ele pretende também diferenciar essas categorias de alguns homens que podem ser conhecidos como filósofos. Se isso se configura desse jeito, não podemos tomar o “homem de paradoxos” como um simples opositor do “homem de preconceitos” (ou não-filósofos, se quisermos), mas, mais do que isso, ele se opõe também a certo tipo de indivíduos que não são os “leitores comuns”. O aparente discurso paradoxal, não desmerece o valor de suas ideias, na verdade, aponta o quão sério é aquilo acerca do que está se tratando e, ao fazer isso, se distingue de certo tipo de filosofia, pois ela pertence ao campo da opinião comum ou do preconceito irracional.

Para Rousseau, o antônimo de paradoxo não será, portanto, ortodoxo. O oposto mais próximo desse conceito será o preconceito, pois esse último “significa apenas uma forma de inserção no discurso coletivo” (Prado Jr., 2008, p. 330). A questão que se põe quando Jean-Jacques coloca essa frase no *Emílio* não é mais a repetição, a oposição já conhecida, entre opinião e razão, essa oposição segundo nos diz Bento Prado “não mais se deixa captar sobre o fundo da hierarquia dos modos de conhecimento” (Prado Jr., 2008, p.329).

Pensar o que simboliza essa afirmação significa nos aprofundarmos em uma investigação complexa. A análise dessa “simples” frase saída da pena do genebrino, entre tantas obras e tantas frases célebres, já nos diz muito sobre seu sistema. Afirmar que é um homem dado a cometer paradoxos, pode ferir o que se acreditava ser, no século XVIII, um pensamento consistente, dotado de razão e bem executado, mas, fazer isso não seria percorrer o caminho oposto daquilo que Rousseau propõe? Se temos o intento de responder essa pergunta precisamos nos ater um pouco mais sobre o que significa ser um homem dado a cometer preconceitos.

Ora, se colocar como um homem que, nos seus escritos, comente uma prática condenável, como o emprego de paradoxos é, segundo a leitura que nos aponta Jean-Jacques, ainda melhor do que ser um homem que aceita opiniões alheias sem nelas se aprofundar, ou pior, que usa como base de análise para essas opiniões apenas a razão que, como sabemos, não é suficiente para compreender a complexidade humana para Rousseau. Averiguar essas questões também é pensar, em algum nível, sobre como realidades morais, filosóficas e linguísticas podem atravancar a comunicação entre os homens.

Salkever esclarece que uma possível interpretação do papel do paradoxo na obra de Rousseau é aquela que diz que eles, os paradoxos, podem ser resolvidos tão logo se entenda quais afirmações de Rousseau podem contar como comentários circunstanciais. Rousseau confirmará isso ao dizer na *Carta a Beaumont*:

Escrevi sobre diversos assuntos, mas segundo os mesmos princípios: sempre a mesma moral, a mesma crença, as mesmas máximas, e, se quiser, as mesmas opiniões. Juízos contraditórios, no entanto, foram feitos sobre meus livros, ou antes, sobre o autor de meus livros, porque fui julgado pelos assuntos de que tratei muito mais do que por meus sentimentos. Após meu primeiro Discurso, fui um homem de paradoxos, que brincava de provar coisas em que não acreditava. Após minha Carta sobre a música francesa, fui o inimigo declarado da nação, pouco faltando para que me tratassem como subversivo – dir-se-ia que o destino da Monarquia estava ligado à glória da Ópera. Após meu Discurso sobre a desigualdade, fui ateu e misantropo; após a Carta a d’Alembert, fui o defensor da moral cristã; após a Heloísa, fui terno e meloso; hoje sou um ímpio; logo mais, quem sabe, serei um devoto (Rousseau, 2005, p.40).

Ou seja, uma visão adequada dos “aparentes paradoxos” de Rousseau é que o título de “aparentes” não pode ser aplicado quando estamos tratando do conceito de paradoxo para o autor genebrino, pois, subjacente a ele há não apenas um conjunto de princípios consistentes bem como máximas e opiniões correspondentes. O homem de paradoxos, corretamente entendido, é coerente

como qualquer outro pensador sério. Há certamente um paradigma em Rousseau, e mais uma vez, aquilo que ocupou seus grandes intérpretes no século passado, a saber, a questão da unidade teórica de sua obra, vem à tona, uma vez que “[...] o compromisso entre ordem e *mathesis* tem uma *história* na história da filosofia, e sabemos ainda que o modelo matemático não é o guia exclusivo do discurso filosófico” (Mattos, 2008, p.14).

É justamente ao buscar por esse paradigma que Bento Prado, nas palavras de Franklin de Mattos (2008)¹¹, irá dialogar com os maiores leitores e intérpretes de Rousseau, chegando à ideia de que o fio condutor para uma possível leitura de sua obra seria o modelo da retórica, visão com a qual esse artigo dialoga intensamente, uma vez que os paradoxos são a “arma essencial” da retórica de Jean-Jacques.

No entanto, a imagem de um Rousseau consistente parece ser negada pela figura que ele nos apresenta em seus escritos autobiográficos que dão amplo suporte para sustentar a ideia, segundo nos diz Salkever, de um Rousseau pré-filosófico: “uma visão expressa na conclusão de Cassirer que Rousseau (diferentemente de Kant) nunca ‘aprendeu a falar a linguagem das ideias claras e distintas’” (Salkever, 1977-1978, p.215)¹².

Rousseau era capaz, segundo a visão que Salkever nos apresenta, de argumentar contra as mazelas do seu tempo, como o potencial malefício do teatro aos moldes parisienses em Genebra, o sistema educacional que reforça preconceitos e não conhecimentos, mas, no entanto, não parecia capaz de elaborar um sistema de pensamento coerente e consistente; todavia ele precisava se posicionar sobre tais assuntos, como é possível essa dicotomia acontecer? Recorremos à Salinas na tentativa de entender essa indagação:

O escrever sobre política se situa também em um espaço intermediário entre um fazer e um calar-se. Ou ainda: um espaço que é limitado por duas figuras distintas do falar. Ou nos calamos porque fazemos – a palavra é, então supérflua – ou nos calamos porque já não podemos fazer mais nada – a palavra é, então inútil. Entre o território da ação eficaz e o da impossibilidade da ação, estende-se o domínio da escrita (Salinas Fortes 1976, p.72).

A escrita de Rousseau é paradoxal, porque como nos lembra a Starobinski, sua própria condição é paradoxal, confiando-se a escrita o filósofo genebrino se esconde para melhor se mostrar (Starobinski, 2011, p.171), sua escrita está no espaço entre aquilo que faz da palavra por vezes

¹¹ Essa ideia é expressa por Franklin de Mattos em *A força da linguagem e a linguagem da força* (2008), texto que serviu de apresentação ao livro *A retórica de Rousseau e outros ensaios* (2008) de Bento Prado Jr.

¹² Salkever se refere aqui a obra *Rousseau, Kant e Goethe – Two Essays*. Princeton University, 1970, p. 59. Nesse livro, especificamente na conclusão, Cassirer aborda como a escolha da linguagem e o modo de escrita de Kant se diferenciam daqueles apresentados por Rousseau. Todavia, podemos nos questionar sobre “as ideias claras e distintas” citadas nessa passagem e, quanto a isso, podemos dizer que essa expressão é usada no sentido cartesiano, uma vez que Descartes considerava claros e distintos princípios verdadeiros, ou melhor dizendo, ideias que correspondem exatamente ao que significam.

supérflua e inútil por outras, não é o desvelamento da transparência e, tampouco, é o entroncamento do obstáculo.

Sob uma leitura apressada, Rousseau pode “não ser capaz” de sistematizar seu pensamento, mas foi capaz de julgar que a sistematização excessiva distorce a verdade natural das coisas. Ele não é menos comprometido com a verdade do que são os filósofos, mas sua preocupação é expressa sem se subjugar ou se beneficiar de um sistema. O pensamento de Rousseau está situado em um lugar que não é nem o sistema produzido pelos filósofos e nem os preconceitos produzidos pelos homens comuns. Ele não sistematiza¹³ seu pensamento propositalmente, fazer isso seria ir contra todas as suas máximas e “encontrar um lugar pronto no sistema dos valores ‘inautênticos’ a que o mundo se submete” (Starobinski, 2011, p.170-171). Ser paradoxal pode, por tanto, ter sido o único jeito ou, se preferirmos, estilo apropriado de discurso de um “amigo da verdade” como o autor se denomina no Emílio:

Leitores, lembrai-vos sempre de que aquele que vos fala não é nem douto, nem filósofo, mas um homem simples, amigo da verdade, sem partido, sem sistema; um solitário que, vivendo pouco com os homens, tem menos oportunidades de impregnar-se de seus preconceitos, e mais tempo para refletir sobre o que o impressiona em seu comércio com eles (Rousseau, 2004, p.124).

Os paradoxos de Rousseau, sejam morais, filosóficos, políticos ou meramente linguísticos, não podem ser chamados de irracionais, ou de pré-filosóficos apenas porque são, ou melhor dito, porque aparentam ser, contraditórios. No entanto, podemos dizer que há uma profunda ambiguidade em sua forma de pensar, posto que o ser humano é diverso, o modo pelo qual tentará alcançar seus objetivos também será e, portanto, diferentes prescrições serão indicadas a diferentes almas e uma vez que se escreve em benefício do homem e da verdade, é preciso levar em conta que se faz necessário encontrar uma linguagem que seja capaz de falar tanto ao homem civilizado quanto àquele que ainda não foi totalmente degenerado. Ainda que pareça inconsistente, a escrita de Rousseau reflete essa tensão da procura da linguagem apropriada a cada um¹⁴, pois apenas um homem louco indicaria benevolência à lobos. Sob essa perspectiva a ideia expressa por Rousseau logo no início da carta à Beaumont¹⁵: “Que língua comum podemos falar, podemos nos entender e que temos um com o outro?” (Rousseau 2005, p. 39).

Sem um ponto de vista retórico, não é possível expressar a originalidade da perspectiva de Rousseau sobre as ciências e as artes e o próprio autor sabe disso. A questão que se põe a cada

¹³ Empregamos o termo aqui no sentido de um sistema lógico-matemático como o de Descartes que elenca todos seus argumentos e razões.

¹⁴ Ou pelo menos uma linguagem que tente dar conta da realidade paradoxal que Jean-Jacques percebe em seu século.

¹⁵ Estamos conscientes que Rousseau está se colocando em resposta a Monsieur Beaumont, se questionando por quê; de qual maneira deveria responder ao arcebispo. Todavia essa indagação se faz propícia para nossa afirmação. Afinal para que possamos entender minimamente a mensagem que alguém quer nos dizer é necessário que se encontre uma linguagem adequada, que fale às pessoas diferentes.

nova ideia é “como dizer?”, pois em toda nova fase é necessário escolher, encontrar não apenas as palavras, mas a aura que provenha o valor de novidade daquilo que ele diz. Isso deve ser levado em alta conta, uma vez que o tom daquilo que é dito provê o critério e a prova de sinceridade do discurso, isso não poderá ser deixado de lado.

A própria ideia de que é preciso escolher um tom correspondente para determinado assunto, algo que não é espontâneo, ou melhor dizendo, algo que não acontece espontaneamente, mostra que, em Rousseau, essa sinceridade deve ser construída e ordenada em vista da leitura que ele quer inspirar e talvez isso cause uma outra discussão e qual seria? Aquela sobre a autenticidade da sinceridade em Rousseau, que será deixada de lado por fugir do nosso escopo se queremos tratar com seriedade o paradoxo.

Quando uma realidade é nova, ela não tem um modelo para se basear que corresponda a ela, é preciso, portanto, “inventar” algo com o qual se possa trabalhar, é preciso adaptar um modo de falar que esteja atrelado com aquilo que se quer demonstrar. A necessidade de usar um tom específico, visto como algo original é sentida de modo orgânico por Rousseau, que acreditava que diferentes mensagens não poderiam ser entregues por diferentes formas de escrita literária. Ora, se isso é assim, deve haver uma maneira que possa expressar melhor aquilo que Jean-Jacques quer transmitir, um modo que os outros meios literários ainda não conseguiram que fosse feito sem que suas ideias fossem distorcidas. Mostrar isso é, na mesma medida, provar que, do ponto de vista dessa investigação, Rousseau escolhe o modo pelo qual vai se expressar e isso não está diretamente ligado a um desejo de originalidade, mas antes a uma extensa consciência que o cidadão de Genebra possui de que ao expressar algo, isso deverá estar profundamente adaptado ao objeto do qual se pretende falar ¹⁶.

Parece que o século XVIII não colocava sob o nome de paradoxal aquilo que tange ao campo da literatura ou da filosofia, na verdade, sob esse, julgo que ficariam apenas aqueles pensamentos que, nos dias de hoje, diríamos fazer parte de uma reflexão um pouco estranha, mal formulada ou ainda, tecnicamente excêntrica, dito mais diretamente em outras palavras: O que nós chamamos de extravagâncias em um texto, argumentos ou ideias, eles chamavam paradoxo. Ou seja, quando era preciso julgar algo histórica ou literariamente de maneira não convencional, a crítica da época resolvia isso ao chamá-lo de paradoxal. Aparentemente, o renascimento conhecia mais esse gênero que, sob o nome de paradoxal, produzia um texto literário facetado, muito em voga na época,

¹⁶ Vemos essa ideia expressa também por Franklin de Mattos, pois segundo esclarece o autor: “[...] para Rousseau cada obra se ordena tendo em vista um auditório específico, preservando as identidades do ouvinte e do retor. Não há qualquer incompatibilidade entre as teses da *Carta a d’Alembert sobre os espetáculos* e *A Nova Heloísa*, mas apenas diversidade de públicos” (Mattos, 2008, p.17).

mas o XVIII não o emprega mais dessa maneira¹⁷. Assim, nós podemos dizer que esse senso de julgamento um pouco atípico e não conformista é algo comum nos autores paradoxais, mas é algo também compartilhado pelas críticas, que os acusam de excesso de originalidade.

Em *Transparência e Obstáculo* (2011), Jean Starobinski expõe a questão do paradoxo inerente a um endurecimento da unidade de si, de um ser mudando por natureza; essa oposição, todavia, não acontece de forma amena, há um dilaceramento ao desvelar esse acontecimento, é como estar em um quarto escuro e abrir as cortinas em um dia de sol, ou em termos platônicos, é como sair da caverna, ou melhor dito, é mergulhar nela, se separar da sociedade como um outro e fazer isso em detrimento de si, para que não se veja nele algo diferente daquilo que é:

Escrever e ocultar-se. Fica-se surpreso com a igual importância que Rousseau dá a esses dois atos. Mas um não vai sem o outro. Ocultar-se sem escrever, seria desaparecer. Escrever sem se ocultar seria renunciar a proclamar-se diferente. Jean-Jacques só se exprimirá se escrever e se ocultar. A intenção expressiva está em um e no outro gesto, na decisão de escrever e na vontade de solidão. Ao romper com os outros, Rousseau entende significar-lhes que sua alma não é feita para os prazeres comuns. O gesto da separação fala tanto quanto o próprio texto (daí a necessidade em que nos encontramos de levar igualmente em conta o pensamento de Rousseau e sua biografia (Starobinski, 2011, p.172-173).

Logo no início de sua jornada como escritor, Rousseau se dará conta de sua natureza, dará conta que sua natureza e a dos outros de sua época são ainda a mesma, mas que há algo que os separa, isso o agitará menos do que possuir uma posição retórica, porque ou isso é assim ou o resto do mundo o exilará. Jean-Jacques assumirá esse exílio e até mesmo o reivindicará, uma vez que isso se transformará em posição de força. Em seu exílio, o autor genebrino poderá se expressar sem ressalvas, não estará sujeito nem a autoridade, menos ainda a censura ou sob o jugo das convenções sociais, será lá onde sua natureza não será mais diferente das dos demais, já que uma vez afastado das convenções o homem é capaz de agir como tal e de ouvir a voz da natureza¹⁸.

M. Crogiez (1997) acrescentará um ponto interessante ao nosso raciocínio dizendo que o fato das afirmações de Rousseau soarem paradoxais, não são a intenção do autor, mas sim da perversão de todos os valores do mundo em que vive e que se nós hoje não acreditamos nisso é claramente a evidência que possuímos o espírito corrompido. Ela explica a ânsia que seus oponentes sentem pelo abismo do erro no qual estão imersas cada crítica que é endereçada a Jean-Jacques, se transmuta assim em prova irrefutável que ele tem razão (Crogiez, 1997, p.330). Embora um pouco

¹⁷ Morellet em *Théorie du Paradoxe* definirá que na metade do século XVIII o paradoxo aparece na literatura de três maneiras. A primeira é designada para falar sobre as coisas, a segunda que abrange as pessoas e a terceira: “Aquele que dá a personagens tanto antigos como modernos, ideias diferentes daquelas que os historiadores nos transmitiram, ou que moldara nosso século, que descrevem aqueles que a renomearam ou a voz pública que a vangloriaram, que justifica aqueles que elas acusam” (Morellet, 1775, p.12).

¹⁸ Rousseau argumenta em seu *Segundo Discurso* (1755) que: “[...] todos os progressos da espécie humana distanciando-a incessantemente de estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais afastamos os meios de adquirir o mais importante de todos: é que, num certo sentido, à força de estudar homem, tornamo-nos incapazes de conhecê-lo” (Rousseau, 1978, p.227).

protetiva demais em relação ao autor, Crogiez nos ajuda a entender mais sobre a polêmica e como isso é algo fundamental para o entendimento da visão de Rousseau quanto ao paradoxo, quanto a situação intelectual da sua época e ainda sobre a visão da atualidade quanto a essas questões.

Rousseau parece menos avesso a simplicidade popular, ele se lança especificamente contra a depravação intelectual dos seus pares. Parece ainda que para Jean-Jacques a definição de paradoxo é circunstancial, uma vez que ele é a qualidade que prende o mundo das letras a uma ideia que atinge seu universo mental e, nos apoiando na hipótese apresentada no parágrafo anterior, se suas ideias são, para seus contemporâneos, propensas a paradoxos, bem, isso é para ele prova que seu tempo está errado: “esse radicalismo não se compreende se não pela certeza íntima de ter razão que Rousseau possui. Essa certeza é alimentada pela oposição que encontra: ao esforçar-se cada vez mais contra Rousseau, seu século, parece lhe mostrar que é cada vez mais absorvido em seu erro” (Crogiez, 1997, p.301).

Consequentemente, o paradoxo, ou aquilo que entendemos sobre o sentido da palavra, é definido sobre o contexto circunstancial em que se encontra, afinal “o paradoxo de hoje talvez venha a ser uma evidência comum no futuro, como *parece* ter sido no passado” (Prado Jr., 2008, p.329); algo será defendido e considerado como paradoxo antes de qualquer exame sério acerca do assunto, sendo assim, ele é considerado apenas um jogo ou um erro, ou ainda, qualquer ideia que seja incomum, inesperada e/ou excêntrica. Se percebemos as designações de Rousseau como apenas mais um entre tantos paradoxos, isso se deve mais a ideologia social, política e sobretudo educativa de sua época que aos seus escritos.

Se, em um primeiro momento, o homem de paradoxos vai recusar a designação de suas proposições como paradoxais, pois a considerará pejorativa, ele perceberá, ao final, que isso não é uma injúria que ofenda a ele, mas sim a quem a profere, uma vez que, como já dissemos, ela é o diagnóstico de um mundo que não consegue mais reconhecer a verdade. Rousseau vê na escrita uma missão, algo que se faz em benefício aos homens e assume todos os riscos de uma pesquisa pela verdade pois:

Escrevem-se muitos livros; mas escrevem-se poucos com um verdadeiro desejo de atingir o bem. De cem obras que aparecem, pelo menos sessentas têm por objetivo interesse ou ambição. Outras trintas são ditadas pelo espírito de partido, pela raiva e anonimamente levam ao público o veneno da calúnia e da sátira. Dez, talvez, quando muito são escritas com boas intenções: nelas diz-se a verdade que se sabe, nelas procura-se o bem que se ama. Sim, mas onde está o homem a quem se perdoa por dizer a verdade? É necessário, pois, esconder-se para dizê-la. Para ser útil impunemente, é preciso entregar o livro ao público e comporta-se como o mergulhão (Rousseau, 2006, p. 296).

Uma vez que nossas opiniões são as regras de nossas ações (Rousseau, 2011, p.29) é preciso que elas sejam bem estabelecidas, é necessário que todas nossas falhas sejam, portanto, passadas pela técnica das palavras que é, a saber, a retórica.

Nos *Discursos*, Rousseau recupera algumas questões mais antigas, todavia, está persuadido que suas ideias novas precisam ser propagadas. Reconhecendo no prefácio do seu *primeiro Discurso* que ferirá tudo que constitui a admiração dos homens de seu tempo e que nada poderia esperar além de censura (Rousseau, 1978, p.331), Jean-Jacques tem consciência que sua tarefa é ainda mais difícil do que supunha, uma vez que criticará as convicções amplamente compartilhadas de sua época e, além disso, sua opinião será minoritária, mas sobretudo, ele tem plena confiança de que será necessária. Logo, o filósofo genebrino não se mostrará jamais tentado a se categorizar por mero conformismo a uma opinião comum, uma vez que na vida civil se faz necessário ceder aos avisos recebidos, mas um filósofo jamais poderá aceitar esse tipo de atraso em sua vida moral.

Ao movimentar os preconceitos que estão arraigados entre seus contemporâneos, os quais nunca são postos em questão, Rousseau inverte os mesmos provérbios e máximas que dão fórmula a sua época. Se opondo aquilo que os leitores esperam, o cidadão de Genebra sustenta para o mundo um tipo de discurso diferente do deles e, com isso, a linguagem também possuirá a marca da inversão desse discurso, ou melhor dizendo, ela será a realização própria dessa anástrofe: “Sentimos a força das ideias de Rousseau e é preciso constatar que, para ele, as ideias não se reduzem a abstrações, mas são sempre revestidas de contextos variáveis ou melhor, elas podem ter nuances diferentes” (Crogiez, 1997, p.385).

O paradoxo traz consigo uma conotação de jogo, de astúcia e já vimos que essa faceta agrada muito aos matemáticos e aos lógicos, observamos, porém, que o modelo matemático não é o único guia para se construir um discurso coerente em filosofia e não se deixar confundir por isso é essencial, pois por trás do pretenso ar divertido do paradoxo há um grave e autêntico problema de linguagem. Embora já tenhamos dito, é necessário relembrar que Rousseau não usará paradoxo e contradição como sinônimos e vemos que desde o *Segundo Discurso*, ele marcará de maneira mais clara a diferença entre contradição, que será sempre empregada nesse sentido, e paradoxo, que será um termo empregado mais de acordo com sua etimologia, a qual já tratamos aqui, mas a saber, é aquilo que expressa uma ideia incomum, mas que não prejudica a verdade. Sob sua pena, o paradoxo parece se apresentar como uma ideia mal aceita pelo público, e, todavia, esse senso dependerá sempre da evolução do sentido dessa palavra entre seus contemporâneos.

No entanto, Rousseau tampouco oferece suas ideias como paradoxos¹⁹, pelo menos não no sentido técnico que sua época emprega, ou seja, como mero gênero literário. Vemos que ele

¹⁹ Rousseau ao contrário de Diderot, jamais dirá: “Vós quereis que eu vos diga um belo paradoxo?” (in *Le temple du bonheur*, 1761, p. 168-169). Sabemos que as diferenças entre Rousseau e Diderot não se restringem somente a essa passagem e nem nos deteremos em abordá-las aqui, uma vez que a extensão dessa pesquisa daria escopo para novas pesquisas.

muitas vezes retoma o rótulo que os outros usam sobre suas ideias e mesmo assim, isso não o impede de conservar a estranheza entre eles. Jean-Jacques observa e conhece suficientemente sua época, isso lhe provê a capacidade de julgar como suas ideias serão recebidas e como elas são a verdade e a imagem daquilo que ele realmente sente, Jean-Jacques evitará usar o termo paradoxo para as designar em suas obras, ele o usa, como já vimos nas passagens precedentemente citadas, mas muito mais à maneira de citação, livre de um julgamento que ele sabe, ou pelo mesmo espera, por experiência, provocar no seu público.

Desse modo, para alcançar a transparência (usando os termos de Starobinski), Rousseau pretenderá estabelecer um pacto de leitura que será fundado seriamente. Embora esse possa parecer um ideal audacioso, para o escritor genebrino isso é um indicativo de que ele estaria cultivando a franqueza e estabelecendo um imperativo de mudança literária. Podemos, por nossa vez, tomar como indicativo dessa vontade de Rousseau as citações de autores latinos que ele costuma empregar nas epígrafes de suas obras, uma das mais famosas é a escolhida para abrir as *Cartas escritas da Montanha*: “*Vitam impendere vero*” (a vida pela verdade), essa passagem indica antes de tudo um princípio moral ao qual Rousseau recorre em sua escrita, mas também e principalmente, uma máxima comportamental pois essa entoação adquire um sentido satírico e combativo à todos aqueles que espalham a mentira, o mal entendido, bem como aos poderes corrompidos e principalmente a acusação de impiedade que ele recebe. Na *Carta a Christophe de Beaumont*, a citação que Rousseau faz de Agostinho²⁰, procurará, segundo nossa visão, ter o mesmo efeito, fazendo do perdão um símbolo de magnanimidade do destinatário.

É algo desafiador propor uma exposição paradoxal de um pensamento consistente, mas como nos lembra Cassirer: “Rousseau sempre resistiu a noção de que um pensamento só poderia ter objetivo e verdade objetiva se aparecesse desde o primeiro princípio numa couraça e numa conformação sistemática. [...] num pensador desse tipo, não se pode separar o conteúdo e o sentido da razão pessoal de viver” (Cassirer, 1999, p. 42).

Ao contrário do que seus opositores defendiam, Rousseau recusava a contradição, os comportamentos ilógicos ou os julgamentos precipitados; para tentar resolver as contradições que vê em seu tempo ele tenta mostrar aos seus leitores explicações e projetos que vão na direção contrária daquilo que é apresentado em sua época. Essa tentativa será vista, todavia, como apenas mais um paradoxo, o que na perspectiva rousseauiana não será problema algum, uma vez que nos parece que para o autor, os paradoxos antes de sinônimos de contradição, significam muito mais a tentativa de entender uma realidade paradoxal, pois:

²⁰ Reproduzimos a citação: “Perdoa-me se me expresso francamente, não para ofender-te, mas em minha defesa. Conto com tua seriedade e sabedoria, pois podes considerar a necessidade de responder-te que me impuseste” (Agostinho, *Epístola, 238 ad Pascent in Carta a Christophe de Beaumont*, 2005, p.39).

Qualquer um que se lançar em sua obra e vir surgir dela a visão do homem, do pensador e do artista Rousseau sentirá imediatamente quão pouco aquele esquema abstrato de ideias, que costumamos designar como ‘a doutrina de Rousseau’, pode captar a riqueza interna que se abre aqui para nós. O que se descortina não é uma doutrina fixa e pronta; é ao contrário, um movimento de renovação constante do pensamento – um movimento de tamanha força e paixão que, diante dele, a salvação na tranquilidade da observação histórica “objetiva” mal parece possível (Cassirer, 1999, p.37).

Cassirer (1999) nos apresenta o século XVIII como sendo aquele no qual “o mundo repousa de forma fixo e pronto” (p.38). Todas as coisas sejam do âmbito da Literatura, Filosofia ou Ciência se encontram fundamentadas e seus valores assegurados, ou pelo menos, se encontra em vias de ser explicado, estudado, entendida, Rousseau será “o primeiro pensador que não somente questiona essa segurança, mas também a abala em seus alicerces. Ele nega e destrói na ética e na política, na religião na literatura e na filosofia, as formas estabelecidas que encontra” (p.38) e não faz isso para alimentar polêmicas ou para assegurar sua retórica, parece ser que a crítica se estabelece como cerne do seu pensamento desde seu primeiro texto.

O paradoxo aparece como a tentativa de inserir na discussão um momento conceitual de dar as dificuldades uma apresentação problematizada e, assim, passível de ser discutida, isso não significa, portanto, uma forma confusa²¹ de apresentação de pensamentos, apenas uma forma diferente.

Se é verdade que a apresentação ordenada das nossas razões é capaz de prover àquele que nos ouve, ou lê uma certa concepção de verdade, ou ainda, um modo de relação a ser estabelecida com a obra e mais, se isso é uma relação aceita no século XVIII, Rousseau fará justamente o oposto, uma vez que ele expõe ideias complexas sem as reduzir a um quadro teórico que apenas serve para amortizar os objetos de pensamento a uma definição aos moldes matemáticos e/ou lógicos, o quê na posição do filósofo genebrino não poderá acontecer.

Ora, não reduzir as verdades humanas a uma aceção lógica significa na mesma medida se lançar na difícil tarefa de as expor em sua própria complexidade e suscitar assim a reformulação da verdade e, portanto, ser capaz de “[...] conservar legitimamente um pensamento reflexivo, argumentativo, aberto e que leve em conta tudo o que as ciências omitem por princípio: a diversidade, a imperfeição humana, ou, para resumir, a liberdade” (Crogiez, 1997, p. 437).

Salinas no seu livro *Rousseau o bom selvagem* (1989) nos diz que o homem de paradoxos “é, por excelência, o autor sobre qual todo mundo se julga apto a discutir, sem se dar ao trabalho de ler

²¹ Contamos mais uma vez com o comentário de Peter Gay, que nos diz que alguns críticos tinham perdido o interesse na questão do individualismo ou coletivismo em Rousseau, mas ao buscar expandir seu horizonte interpretativo “não negaram o caráter paradoxal de muitas afirmações de Rousseau, mas concordaram com ele sobre o fato de que tais paradoxo não comprometiam sua consistência fundamental” (Gay, 1999, P.21).

de fato sua obra” (Salinas Fortes, 1989, p.2)²². Embora a ideia que temos hoje de Rousseau, seja muito diferente daquela percebida em seu tempo, muito do seu pensamento se perde na imagem de sua filosofia estar repleta de questões paradoxais ou contraditórias, perde-se no leitor de hoje em dia questões fundamentais pela falta de leitura da sua obra quando na verdade, estamos em uma posição vantajosa ao lê-lo, pois não precisamos mais o ofuscar ou o condenar. Sobre esse assunto, temos também que considerar as palavras de Peter Gay:

Muitos, ainda que certamente não todos, dos leitores contemporâneos de Rousseau, levando em conta a supremacia da vontade comum, a obrigatoriedade da liberdade dos homens, a religião civil, e olvidando o restante de seus escritos, concordarão com Taine e Barker. Efetivamente, é moda ver-se em Rousseau um totalitário – um “totalitário democrático” talvez, mas ainda assim, um totalitário (Gay, 1999, p. 13).

Essa passagem nos mostra que a interpretação de Rousseau dependerá da época que o lê. É sabido, por exemplo, que a leitura do autor genebrino como um totalitário²³ não é mais algo mais tão usual. Sabemos também, que não é mérito exclusivo do paradoxo causar polêmica em torno do modo de escrita de Jean-Jacques, outros conceitos empregados (como, liberdade, trabalho, etc.) aparecem igualmente quando se trata de provar porque Rousseau é contraditório.

Todavia, acreditamos que mais do estilo ou mero acidente que marca sua obra, o paradoxo é uma estrutura dinâmica do seu pensamento: Sob a pena de Rousseau o paradoxo não é uma figura ornamental, ela é a expressão necessária, mas ao mesmo tempo conscientemente assumida de um pensamento paradoxal (Crogiez, 1999, p.589).

Parece haver em Rousseau uma diferença entre aquilo que chamamos figura de estilo e o que conhecemos como figura de linguagem, discutir o paradoxo em sua obra é percorrer um pouco essas duas questões que ainda não estão bem definidas. Porém, a medida que nossa pesquisa avança, o interesse por essa diferença diminui, pois, uma vez que há um sistema, ou uma teoria literária, estabelecida o sentido e a expressão daquilo que queremos dizer não são mais separáveis, em Rousseau isso não será diferente, pois afinal, o que significará de fato dizer que existe uma diferença entre o que é o estilo de escrita do autor e o que se coloca como figura de pensamento? Podemos

²² Nesse ponto, podemos falar um pouco da escolha da nossa epígrafe. Sabemos que Balzac foi leitor de Rousseau, há inclusive uma vasta bibliografia da relação intertextual entre os autores. No entanto a citação errada é um exemplo claro das apropriações de ideias de Rousseau, sem que essas ideias correspondam realmente ao que ele disse.

²³ Referimo-nos aqui a uma leitura de Rousseau, muito em voga em uma geração de comentadores, pois o colocando em diálogo com a atualidade, ou com pensadores precedentes, como Marx ou Durkheim seu pensamento pode ser entendido como defensor do totalitarismo, tendo em vista seus comentários sobre a vontade geral e sobre a soberania, devemos, no entanto, ter cuidado com interpretações muito gerais e que se fazem sobre um viés muito contemporâneo do cidadão de Genebra, pois concordamos com a afirmação de David Gauthier que diz: “Eu hesitaria antes de acusar Rousseau de defender o totalitarismo moderno. Mas o mais semelhante a ele no mundo da Antiguidade foi Esparta, cujas instituições ele aprovava. E na sexta das Cartas escritas da montanha Rousseau diz que os leitores do Contrato social dirão que ele escreveu ‘a história do governo de Genebra’. Aquela oligarquia calvinista rígida não é modelo para pensadores democráticos” (Gauthier, sem paginação, 2013). Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4896&secao=415

dizer, que estabelecer essa diferença só tem função se justificarmos nossos argumentos dizendo que privilegiamos um ponto de vista ao invés do outro.

Tendo em vista que o paradoxo é a forma de escrita que Rousseau encontra para expressar a riqueza de diferenças que é o fenômeno humano, não podemos dizer que esse é um conceito reducionista, ao passo que ele é o termo apropriado quando se quer mostrar a complexidade dessas relações.

Em um primeiro momento, Rousseau tem em conta, assim como seus contemporâneos, que sob o termo paradoxo está uma proposição chocante, porque aparentemente se opõe a verdade. No entanto, diante da oposição conceitual entre paradoxo e preconceito, já abordada precedentemente, Jean-Jacques assume um papel polêmico a favor de seus ideais e contra a inércia intelectual, a saber: é melhor ser um autor inclinado à paradoxos do que à preconceitos. A partir daí o autor genebrino procurará esclarecer que o sentido que ele emprega em suas obras não é mais aquele combatido pelos autores de sua época; esse posicionamento o levará a uma apresentação de suas ideias como uma espécie de renovação do que seria por excelência o estilo do paradoxo, ou seja, um jogo de ambiguidades e ideias rápidas, por uma abordagem mais argumentativa e reflexiva e não alusivamente rápida. O pensamento de Rousseau não é, portanto, um aglomerado de escritos contraditórios, nem um monte de ligações desconexas, mas sim um pensamento controlado e completo.

Desse modo, recorremos ao *Prefácio de Narciso* (1752). Embora o propósito da composição desse texto tenha sido acompanhar a peça, Rousseau o escreve muito tempo depois, na época do primeiro *Discurso* (1750); esse escrito trará luz a nossa interpretação que opõe conceitos já abordados na nossa explicação, que são, a saber, os paradoxos e preconceitos. Sendo assim, nos reportamos novamente a Bento Prado Júnior (2008), que nos dirá que a denúncia do preconceito não é apenas uma operação epistemológica da parte de Rousseau, mas sim o que podemos chamar de “crítica da ideologia” (Prado Jr., 2008, p.330).

A escrita de Rousseau está na contracorrente do que seu século esperava, é sabido que seu primeiro *Discurso* já mostrava isso e de acordo com Bento Prado:

[...] está de alguma maneira condenada ao mal-entendido. Desde o início, o paradoxo tende a parecer “puro” paradoxo, jogo verbal e provocação gratuita. Daí a necessidade de alertar constantemente o leitor, de explicar as regras da crítica: a difícil necessidade de *explicar* o paradoxo, de fazê-lo atravessar o elemento adverso do preconceito, onde fatalmente tende a dissolver-se (Prado Jr., 2008, p.330).

É no *Prefácio de Narciso* que a oposição entre paradoxos e preconceitos se caracteriza também como oposição entre crítica e ideologia²⁴. O *Prefácio* torna pensável uma nova interpretação

²⁴ Na interpretação de Bento Prado, a ideologia para Rousseau é própria das sociedades corrompidas, a crítica que ele faz a ideologia e a crítica as ciências e as artes é justamente para mostrar que elas estão a serviço de uma ideologia. Não é

do *Discurso*, é como se Rousseau fizesse, ele mesmo, uma análise da sua obra e com isso a visão em que “a crítica das ciências e das artes não é uma crítica metafísico-moral que as visa no absoluto, mas uma crítica de sua função ideológica no presente histórico” (Prado Jr., 2008, p.330), é no *Prefácio* que Jean-Jacques tenta explicar os paradoxos do *Primeiro Discurso* para que ele não caia no preconceito.

As passagens precedentes desse tópico, tiveram a intenção de mostrar como o paradoxo é visto pela perspectiva rousseauiana, isto é, como dentro da estrutura do seu pensamento Jean-Jacques entende qual papel o paradoxo desempenhará no interior dos seus escritos e principalmente entre as obras que escolhemos e as quais já nos referimos²⁵.

Considerações Finais

Há verdades muito exatas que, à primeira vista, parecem absurdas e que sempre passarão por tal para a maioria das pessoas. Dizei um homem do povo que o sol no inverno está mais perto de nós do que no verão ou que se deita antes de deixarmos de vê-lo, e ele mofará de vós. A mesma coisa acontece com a opinião que sustento. Os homens mais superficiais sempre foram os mais prontos a tomarem partido contra mim. Os verdadeiros filósofos apressam-se menos e, se eu tiver tido a glória de fazer alguns prosélitos, isso só aconteceu no seu meio. Antes de explicar-me, meditei profunda e longamente sobre meu assunto e esforcei-me por considerá-lo em todos os seus aspectos. Duvido que alguns de meus adversários possam dizer o mesmo; pelo menos, não observei nos que escreveram essas verdades luminosas, que não impressionam menos pela evidência do que pela sua novidade, e que sempre são prova de uma meditação satisfatória. Ouso dizer que jamais me fizeram uma objeção razoável que não tivesse previsto e, por isso estou reduzido a redizer sempre as mesmas coisas.

Jean-Jacques Rousseau, Última Resposta ao Sr. Bordes.

Pensar o que significam os paradoxos de Rousseau não constitui uma tarefa simples pois em qualquer que seja o momento histórico em que esse conceito filosófico esteja inserido, ele será alvo de controvérsias e discussões.

Tomamos como mote investigativo a famosa frase do *Emílio*, onde Rousseau escreve que prefere ser um homem de paradoxos do que um homem de preconceitos. Partindo dessa afirmação, algumas questões mais imediatas surgiram como, por exemplo, o que significa o conceito de paradoxo em Rousseau? Ou ainda: O que significa ser um homem de paradoxos e seu justaposto, um homem de preconceitos? Para as responder, era necessário entender a diferença entre paradoxo e contradição, uma vez que Jean-Jacques se põe como homem de paradoxos, mas não de contradições, ainda que, quando preciso, ele se utilize da sua retórica. Ele sabe que faz uso desse artifício e até mesmo se desculpa com o leitor por suas contradições, transições e digressões.

uma crítica à cultura enquanto formadora de moral, mas enquanto servidora da ideologia que ajudam a afirmar contradições do poder.

²⁵ Essas Obras são, a saber, o *Prefácio de Narciso* (1752), *O Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) e a polêmica do em torno do discurso, ou seja, as refutações ao discurso e as respostas de Rousseau.

Desse modo, uma vez que esclarecemos que contradição e paradoxo não podem ser usados como sinônimos, precisávamos entender a ligação conceitual entre paradoxo e preconceito. Ora, se buscamos entender como um termo era empregado na época das luzes, seu significado oficial estará sem dúvidas na *Encyclopédie*. Partimos, então, das definições encontradas ali, o que nos permitiu elucidar que as afirmações de Rousseau não são tão paradoxais quanto aquelas com as quais os opositores o atacam, uma vez que seus inimigos, como o autor os chamava, estavam somente levando em conta os velhos preconceitos de seu tempo, isso é, apenas aceitavam as ideias em voga sem as questionar, posto que:

Não se deve tomar o paradoxo como um tratamento idiossincrático de Rousseau, nem como um procedimento retórico, mas como uma postura intelectual: uma posição metodicamente crítica contra os padrões de pensamento dominantes de seu tempo. O paradoxo é um jeito de receber as opiniões recebidas, que as desvia, as desloca, as reconfigura. Não há para Rousseau a herança que se beneficie do inventário. O paradoxo é a ferramenta que permite a triagem: recusar o que deve ser, reciclar o que pode ser retido (Bernardi, 2006, p.179).

Estabelecemos assim um diálogo mais próximo daquilo que Rousseau está nos apresentando no seu processo de escrita, ou seja: uma proposição que choca seus leitores, pois é absurda em aparência, mas que, no entanto, é verdadeira. Esses conceitos nos revelam como o autor genebrino apresentava ideias que o diferenciavam do seu século e, exatamente por essa razão, tornam-se aparatos críticos de seu pensamento.

No século XVIII, os filósofos buscavam demonstrar que pelo uso da razão, todos os desvios dos homens poderiam ser “consertados”, quer esses fossem ou não de ordem natural, logo, a felicidade pessoal e coletiva estaria assegurada. Rousseau, por outro lado, faz da consciência um guia mais confiável que a razão e da moral a verdadeira ordem natural.

Rousseau, opondo a ideologia do progresso aos valores morais, tais como igualdade, liberdade, autonomia e virtude, apresenta o diagnóstico de que as ciências, as artes, a retórica, enfim o avanço técnico, torna a sociedade em escravos felizes. A questão não é, então, parar o progresso, mas fazer com que algo criado pelo homem não dilacere o próprio homem. Todo esse avanço, levado às últimas consequências, mostra que quanto mais uma sociedade se desenvolve, tanto mais ela se afasta daquilo que lhe é imediato, tornando-se muito mais autocentrada e esquecida da virtude.

Como crítico de sua época, Rousseau observa que a sociedade em que ele se encontra é paradoxal, os conceitos que ele emprega são, portanto, um diagnóstico do seu tempo. É justamente pelo caráter complexo e paradoxal que o pensamento de Jean-Jacques, ainda nos dias de hoje, nos interessa.

Referências

- BALZAC, Honoré de. *O Pai Goriot*. In: *A Comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. Trad. Gomes da Silveira Vidal. Introdução, notas e orientação: Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 2012.
- BERNARDI, Bruno. *La fabrique des concepts: recherches sur l'invention conceptuelle chez Rousseau*. Paris: Honoré Champion, 2006. BLANCHOT, Maurice. *O Livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CASSIRER, Ernest. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Unesp, 1999.
- CASSIRER, Ernest. *Rousseau, Kant e Goethe – Two Essays*. Princeton University, 1970.
- CROGIEZ, Michèle. *Rousseau et le Paradoxe*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.
- Dictionnaire de l'Académie Française*, 4ª edição, 1762.
- DIDEROT, Denis ; D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Artes et des Métiers*, 1751-1765. Disponível em : <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.
- FABRE, Jean. *Realité et utopie dans la pensée politique de Rousseau*. Paris: Klincksieck, 1963.
- GAUTHIER, David. *Rousseau e o papel transformador do contrato*: entrevista [abril, 2013]. Entrevistador (a): Márcia Junges. Trad. Luís Marcos Sander. Revista do Instituto Unisinos, 2013.
- GAY, Peter. Prefácio. In.: CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad.: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MATTOS, Franklin de. *A Força da Linguagem a Linguagem da Força*. In: *A Retórica de Rousseau e outros Ensaio*: Bento Prado Jr. Org. Franklin de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MATTOS, Franklin de. *Uma arte da Medida*. In: *Paradoxo do espetáculo: Política e Poética em Rousseau*: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.
- MORELLET, Andre. *Théorie du Paradoxe*. Amsterdam, 1775.
- PRADO JR, Bento. *A Retórica de Rousseau e outros Ensaio*: Bento Prado Jr. Org. Franklin de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PRADO JR, Bento. *Leitura e Interrogação: Uma aula de 1996*. Dissenso, São Paulo, n.1, p. 155 - 171, ago. 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a Cristophe de Beaumont*. Trad. Adalberto Luis Vicente, Ana Luiza Silva, Camarini, José Oscar de Almeida Marques, Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto. Apres. José Oscar de Almeida. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a D'Alembert*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Apres. E Introd. Luiz Fernando Franklin de Matos. Campinas: Unicamp, 1993.

- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Cartas Escritas da Montanha*. Trad. e notas por Maria Constança Peres Pissarra. São Paulo: EDUC: Unesp, 2006.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Trad. Livros I a X Rachel de Queiroz, livros XI e XII José Benedicto Pinto. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2008.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as Ciências e as Artes* [1750]. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. [1755]. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social* [1762]. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação* [1762]. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou a Nova Heloísa*. Trad. Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: Hucitec; Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Lettre à monsieur de Beuamont*. França: Age d'homme, 1993.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
- ROUSSSEAU, Jean-Jacques. *Prefácio de Narciso ou O amante de si mesmo* [1752]. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. *O iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. *Paradoxo do Espetáculo: Política e Poética em Rousseau*. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. *Rousseau: da teoria à prática*. São Paulo: Ática, 1976.
- SALKEVER, Stephen G. *Interpreting Rousseau's Paradoxes*, in *Eighteen Century Studies*, vol. 11 nº2. John Hopkins University Press, Winter, 1977-1978.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

Recebido em: 01/04/2024
Aprovado em :27/05/2024